

**A CIRCUNFIXAÇÃO
COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS**

Patrícia Ribeiro Corado (UERJ)

INTRODUÇÃO

Apoiado na Teoria dos Constituintes Imediatos, o ensaio que se apresenta busca levantar discussões acerca do processo de formação de palavras freqüentemente denominado PARASSÍNTESE.

Parece-nos haver entre os estudiosos da área muitos pontos de discordância referentes ao assunto aqui apresentado. Desse modo, este trabalho pretende analisar o citado processo a fim de que consigamos iniciar estudos capazes de nos encaminhar a definições mais claras, consistentes e convincentes sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Valter Kehdi, *a parassíntese consiste na adjunção **simultânea** de um prefixo e de um sufixo a um radical, de forma que a exclusão de um ou de outro resulta numa forma **inaceitável** na língua.* (grifos nossos)

Em relação ao que nos é dito por Valter Kehdi, daremos atenção especial aos conceitos aparentemente simples de “simultânea” e “inaceitável”.

Talvez por falta de uma análise mais atenta, muitos estudiosos, a partir da apropriação de definições como a transcrita acima, passaram a considerar parassintéticos vocábulos como “descobrimto”, uma vez que não levaram em conta a necessidade de simultaneidade dos afixos no processo diacrônico de formação.

Ora, conforme nos apresenta o mestre Evanildo Bechara, discorrendo sobre a Teoria dos Constituintes Imediatos, é necessário que no plano descritivo da classificação mórfica se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura, através da quais perceberemos que **descobrimto** é um derivado secundário, cujos Constituintes Imediatos são o radical secundário **descobri** + o sufixo **ment** (o).

O que defenderemos aqui é a existência de um processo de

formação de palavras (verbos) na língua portuguesa, cuja estrutura se compõe a partir de dois elementos mórficos:

RADICAL + CIRCUNFIXO

Ou, para uma maior clareza gráfica:

CIR1 + RADICAL + CIR2

O circunfixo é o elemento mórfico que se divide (parte) para acolher o radical.

É importante esclarecer que muitos verbos da língua portuguesa não são derivados pelo processo de circunfixação, mas que esse processo, com características muito particulares, é utilizado exclusivamente na formação de verbos.

Mais adiante, analisaremos palavras de outras classes gramaticais a fim de que entendamos por que, ainda que contrariando as primeiras impressões, não se trata de exemplos de derivados por circunfixação.

O circunfixo – um elemento mórfico

Após pesquisas em bibliografia especializada e consultas ao Dicionário Aurélio Eletrônico, foi possível listar alguns dos circunfixos mais comuns e freqüentes na língua portuguesa:

- **a – ar: acorrentar**. Este circunfixo é muito comum na formação de verbos a partir de cores: **avermelhar, alaranjar, acinzentar, azular, amarelar** (observe-se que nestes dois últimos exemplos há ocorrência do fenômeno da crase do **a** (parte inicial do circunfixo ou CIR1) com o **a** (inicial do radical), assim **aa**marelar, **aa**zular).
- **es – ecer: esclarecer** (es + clar + ecer)
- **a – ecer: apodrecer** (a + podr + ecer); **anoitecer** (a + noit + ecer)
- **en(m) – ar: engarrafar** (em + garraf + ar); **empuleirar** (em + puleir + ar)

Departamento de Letras

- **es – ejar: esbravejar** (es+ brav + ejar)
- **es – ear: esverdear** (es + verd + ear)
- **en(m) – ecer: embrutecer** (em + brut + ecer)
- **a- izar: aterrorizar** (a + terror + izar)
- **en – izar: encolerizar** (en + coler + izar)

Descartamos aqui quaisquer possibilidades de circunfixo iniciado por **des-**, **re-** ou **ex-**, uma vez que em todas as incidências encontradas, tínhamos a possibilidade de uma base teórica que era negada, quando precedida de **des-** ou **ex-**, ou reafirmada (ou intensificada), quando precedida de **re-**. Exemplos: destronar (negação da base teórica virtual *tronar); reciclar (reafirmação ou intensificação da base teórica virtual *ciclar, ligada semanticamente a ciclo)

Observe-se que no circunfixo a base que precede o radical apresenta sentido dinâmico de processo, inerente ao aspecto verbal do vocábulo derivado. É como se em todos os casos de circunfixação tivéssemos de certo modo um circunfixo com valor semântico de tornar-se + a base (radical). Exemplificaremos: avermelhar (tornar vermelho); embrutecer (tornar bruto); anoitecer (tornar noite); esclarecer (tornar claro).

Quando a base que precede o radical extrapola essa significação, como é o caso de **des-**, **re-** e **ex-**, vemos a necessidade da definição da base teórica virtual que esteja sendo negada ou reafirmada.

Voltando a definição de Valter Kehdi, com a qual iniciamos o desenvolvimento deste trabalho, esclarecemos que ao definir bases teóricas virtuais não estamos trabalhando com formas inaceitáveis na língua, ao contrário, trata-se de formas dotadas de conteúdo semântico, portanto perfeitamente possíveis.

Circunfixação: Por que somente verbos?

“A parassíntese tem-se revelado também produtiva na derivação de adjetivos, como desalmado e desbocado.” (José Carlos Azeredo)

*“...podemos encontrar, ainda que raramente, substantivos / adjetivos parassintéticos: é o caso de subterrâneo (considerando que *subterra e *terrâneo são formas inexistentes), bem como de contrerrâneo, desalmado etc.” (Valter Kehdi)*

Durante todo o período de realização desta pesquisa, as duas afirmações transcritas acima perseguiram-nos como se pedissem resposta.

Tínhamos (e ainda temos) muitas dúvidas, mas uma certeza sempre nos acompanhou: a de que a circunfixação é um processo de derivação a serviço exclusivo da formação de verbos na língua portuguesa, em razão justamente do valor semântico do circunfixo (tornar-se).

Algumas questões envolviam nomes substantivos ou adjetivos para os quais a Teoria dos Constituintes Imediatos encontra respostas satisfatórias. É o caso, por exemplo, de **engarrafamento**, derivado secundário cujos Constituintes Imediatos são o radical secundário **engarrafa(a)** + o sufixo **ment(o)**.

Entretanto, as afirmações de José Carlos Azeredo e Valter Kehdi continuavam a querer resposta. Iremos por partes:

Casos como **contrerrâneo** e **subterrâneo**, parecem-nos contar com um prefixo de valor prepositivo muito claro, temos aí duas daquelas incidências em que não se tem muita clareza de se tratar de composição ou derivação. Ainda que ignorássemos esse valor prepositivo de **“con-”** (com) e **“sub-”**, e pensássemos nesses nomes como derivados de fato, temos de admitir que a simples coexistência de ambos seria suficiente para nos garantir a possibilidade da base teórica virtual *terrâneo (relativo a terra).

Quanto aos vocábulos desalmado e desbocado, imaginemos em primeira análise a admissão de **des-** como parte integrante de um circunfixo (CIR1). Obviamente teríamos esses adjetivos como frutos

da flexão de participípio dos verbos desalmar e desbocar.

Como já afirmamos anteriormente, não acreditamos na hipótese de negar algo que não existe e parece-nos muito claro o valor semântico de negação presente no prefixo **des-**. Assim, consideramos *almar e *bocar como bases teóricas virtuais cuja pré-existência é exigida para que o prefixo **des-** cumpra seu papel semântico.

CONCLUSÃO

Ao concluir este ensaio monográfico a única certeza que temos é a da necessidade de aprofundamento nos estudos relativos à formação de palavras na língua portuguesa.

Definições demasiadamente simplistas muito têm prejudicado a compreensão do assunto por parte de alunos e professores. “Mace-tes” que não consideram a exigência constante de análise quando se trata de questões relacionadas à língua, contrariando o que podem pensar alguns professores e autores de livros didáticos, em nada ajudam à aprendizagem em seu sentido amplo e desejado.

Acreditamos na possibilidade do professor-pesquisador e do aluno-pesquisador na medida em que acreditamos na capacidade analítica e reflexiva do ser humano. Não podemos convencer (vencer com) ninguém fazendo uso de teorias nas quais não confiamos; e é por isso que sempre des-confiamos.

Durante a elaboração deste ensaio estivemos mais à procura de perguntas do que de respostas. Quanto às perguntas, encontramos muitas e a cada dia surgem mais, quanto às respostas, estamos caminhando para algumas com os dados aqui expostos, que visam comprovar nossas teses iniciais, mostrando ser a circunfixação um processo de formação de verbos e ser o circunfixo um elemento mórfico único (e não dois, como nos leva a crer a maioria dos gramáticos).

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática do Português*. 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*.. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KEHDI, Valter. *Formação de Palavras em Português*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

———. *Morfemas do Português*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2001.